

Uma mulher Gorda está nua e posa para fotografias

*A fat woman is naked
and poses for photographs*

Fernanda Magalhães

*Pós-doutora pelo LUME (Unicamp), professora do Curso de Arte
Visual da Universidade Estadual de Londrina, Londrina, Paraná,
Brasil. e-mail: fermaga62@gmail.com*

Resumo

Ensaio fotoperformativo *A Natureza da Vida*, composto por ações que acontecem em locais públicos diversos, onde o corpo de mulher gorda nua se posiciona reivindicando seus espaços e visibilidades e afirma sua existência.

Palavras-Chave: arte. fotoperformance. mulher gorda. nudes

Abstract

The performative Photo-essay 'The Nature of Life' is composed by actions that takes place at several public places, where the naked fat woman's body poses to claim for its own spaces and **visibility, and reinforces its existence.**

Keywords: art. photoperformance. fat woman. nudity



A Natureza da Vida, SILO, Londrina, 2013. Foto: Graziela Diez

"(...) transpor a linha, como chegar ao outro lado?", diz Foucault. Esta maneira de transpor a linha de forças, é o que se produz quando ela se curva, forma meandros, se funde e se faz subterrânea, ou, dito de maneira melhor, quando a força, em lugar de entrar em relação linear com outra força, se volta para si mesma, exerce-se sobre si mesma ou afeta-se a si mesma".

(Deleuze, 2016, s/n)

Ações fotoperformativas, meu corpo em ações e relações de representações. Corpo que se expande por espaços diferentes, públicos, como forma de existência. Ações que se transformam a cada novo lugar e pelos movimentos relacionais com o público, nas interações e trocas.

Espaços que nos atravessam e são atravessados por nós. Deslocamentos.
Tornar-se presente e visível.

“O si-mesmo não é nem um saber nem um poder. É um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos: uma espécie de mais-valia.”
(Deleuze, 2016, s/n)

Presença que se transforma em vozes múltiplas, articuladas nas relações estabelecidas a cada nova ação. Momentos de interação em que papéis são trocados e invertem-se a cada instante. Quem posa? Quem produz? Quais são estes papéis e poderes que se estabelecem no jogo dos olhares, das imagens e suas constantes publicações pelas redes mundiais as quais se proliferam e se replicam nas telas e células de todos nós?

Constantes reflexões sobre os poderes das imagens e como somos tragados para estes universos imagéticos e ilusórios, ao mesmo tempo em que o toque, o encontro de corpos e as relações de presença são esquecidas. Propor momentos de produções que se realizam durante acontecimentos públicos, em que a relação entre corpos, espaços e energias múltiplas se entrelaçam, atravessam e rompem com as solidões de cada um, é uma busca por nos colocar em outras sintonias e articulações dos poderes e dos lugares estabelecidos. Pretendo perfurar e procurar por outros sentidos, ressignificando as relações.

O poder do olhar e da construção autoral das imagens é parte das produções de imagens carregadas por todas as glórias nas quais reside fazer uma imagem potente. Fotografar e posar são uma parceria e ali temos um campo de força que leva a imagens inusitadas ou provocadas. Sendo a foto espontânea ou posada, o momento do clique sempre relaciona-se com o olhar do outro. A foto está endereçada à construção de uma performance pessoal. Posar e publicar são o ápice de nossa cultura, o retrato que ganha mundo e mostra, registra, vê, cria, inventa o mundo globalizado em sua potência suprema.

Ocupar estes espaços rompendo com um corpo que foge às normas e regras e não se adequa ou se submete, nem mesmo às formas corporais assim como aos sistemas de forças e poderes que se estabelecem nas relações das artes, das linguagens, das autorias, dos feminismos, das biopolíticas, das estéticas e éticas.

Momentos em que a fotógrafa assume a performance de seu corpo como parte das sessões fotográficas e dá suas câmeras para que outros olhares participem da constituição dos trabalhos. Todas as ações relacionam-se e, desta maneira, performances, registros e ações-criações de fotovideoperformances fazem parte de um trabalho relacional. Todas as ações se afetam e resultam num trabalho composto por vários fragmentos, partes que se atravessam e compõem cada performance. Fotos, múltiplas autorias, as conversas, vídeos, cantos, palavras, escritos, conversas, sussurros, toques, energias, experiências, o acontecimento, tudo delicadamente compõe os trabalhos.

Gorda que ousa desnudar-se e posa para lentes afoitas. Corpo estranho e repulsivo, que não deve ser exibido, registrado e visto. Corpo abjeto que não deve existir, deve transformar-se para pertencer e ser visível. Mulher gorda que resiste, se recusa às transformações e se posiciona. Existe, é e exhibe suas carnalidades. Gorda Baleia Saco de Areia. Desejos e normas se confrontam.



A Natureza da Vida, Vértice Brasil, Florianópolis, SC, 2014. Fotografia do público realizada durante a performance por Fernanda Magalhães.

espaços
deslocamentos do ar entre os corpos.
ver
perceber o outro e os deslocamentos de ar.
Invisibilidade
não deslocar o ar, nem mesmo com palavras ou silêncios.

Corpo que passa dos limites, da linha desenhada que delimita seu espaço, extrapola medidas, é, simplesmente, em sua plenitude. Não tenho dúvidas, um corpo grande é forte e amedrontador. E carregado de invisibilidades. Abjeções.

o volume, a massa e o peso determinam
o grau de invisibilidade



*A Natureza da Vida, Universidade Livre do Meio Ambiente, Curitiba, PR, 2012
Foto: Graziela Diez*

“[...] uma linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está pra se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga. Escapa às linhas anteriores, escapa-lhes.” (Deleuze, 2016, s/n)

Uma mulher Gorda está nua e posa para fotografias. Com suas dobras, estrias e cicatrizes que estão fora das normas e tabelas as quais ditam a normalidade. O invisível pretende desvendar-se. Estar nos espaços e atuar, ocupar, ser.



A Natureza da Vida, Central Park, NY, EUA, 2000. Foto: Luciano Schmeiske Pascoal.

“[...] produções de subjetividade escapam dos poderes e dos saberes de um dispositivo para colocar-se sob os poderes e os saberes de outro, em outras formas ainda por nascer. Os dispositivos têm, então, como componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura, de fissura e de fratura que se entrecruzam e se misturam.” (Deleuze, 2016, s/n)

As performances são desdobramentos dos trabalhos de fotografias de autorretrato. Surgiram pelas minhas experiências com meu corpo, considerado fora dos padrões normatizadores, estranho a estes modelos ditados a todas as mulheres.

A Natureza da Vida é um projeto em desenvolvimento desde os anos 2000 e utiliza os meios fotovideoperformance nas produções e problematizações

propostas no trabalho. As ações são realizadas em locais públicos em diversas cidades do mundo. Parques, praças, universidades, museus, teatros queimados, bosques destruídos e outros espaços que me afetam. Estes lugares são parte das ações, incorporações, diálogos e atravessamentos com as paisagens e o público.

Minhas ações pretendem debater questões como as linguagens híbridas e as relações de corpo, as biopolíticas, problemas de gênero e as ecologias.

Corpo no espaço, espaço atravessado pelo corpo, que afeta o corpo quando se está nele. O corpo que dá/traz significado e atravessa o espaço. Natural, construído, planejado, espontâneo e modificado nos usos e relações. Os lugares existem nas relações. Os corpos modificam-se conforme encontram-se num lugar/localidade. Localizações. Presença que sente o lugar e o transforma.

Presença. Incorporações. Hélio Oiticica, Ninhos, Penetráveis, Parangolés. Espaços construídos modificam as relações do corpo em confronto com as formas, texturas e cores. Vestir um Parangolé propõe incorporar uma atitude do corpo em ação e a ginga pode acontecer. Tropicalismos. O corpo é a obra e a obra é o corpo que dança no espaço. Incorpora o jogo. Ações em movimento.

Central Park, em Nova Iorque; Jardim de Luxemburgo, em Paris; Mar Negro, na Rússia; Bosque Central, em Londrina, o encontro com estes lugares e o impacto de cada cultura com as problematizações dos corpos das mulheres gordas desencadearam as ações deste corpo que se posiciona.

Em Nova Iorque, o centro do consumo, das biopolíticas e das modas do corpo. Ali, nos anos 2000, entre árvores e um riacho, no coração do Central Park, com uma natureza que resiste a todo aquele concreto, acontece a primeira ação. Performance, fotografias, muito frio e emoções unem-se naquele lugar. O corpo interagindo com pedras, água e as baixas temperaturas. Pose para as lentes do fotógrafo em cenas que seriam de um editorial de moda, o qual não seria publicado. As fotos ficaram nos álbuns por uma década.

O trabalho vinha na sequência de outras séries de imagens que construíam um trabalho a partir de 1993 e mostravam os corpos de mulheres gordas, partindo

de minhas próprias experiências. Em geral, autorretratos com o corpo nu em colagens com os corpos de outras mulheres.

As questões foram desdobrando-se e, naquele momento, eu pensava no corpo performático, que se coloca publicamente trazendo e propondo questões. Assim aconteceu esta ação em Nova Iorque, mas o trabalho ficou hibernando até 2011, sem uma resolução que levasse a uma mostra ou finalização.

O trabalho, na verdade, havia somente se iniciado ali. Entendi isso em minha viagem a Paris para a realização de uma exposição na *Maison Européenne de la Photographie*/MEP. Na mostra, 22 fotografias eram da série *A Representação da Mulher Gorda Nua na Fotografia*, realizada em 1995, e que recebeu o VIII Prêmio Marc Ferrez de Fotografia, no mesmo ano.

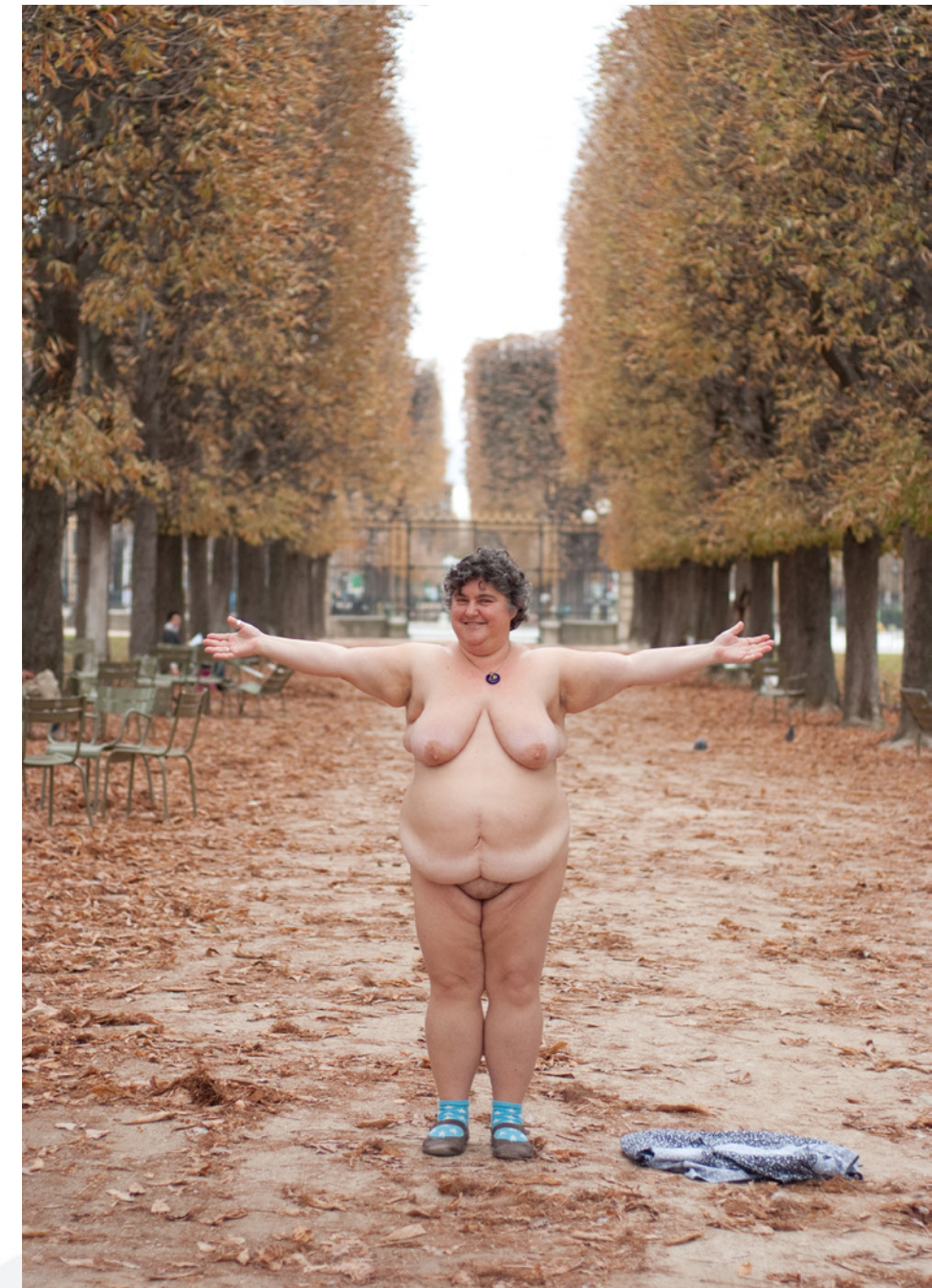
O que significava ser convidada a expor em Paris, em um local como a MEP, espaço de muita importância para a fotografia contemporânea, local nobre, bonito, uma sala no terceiro andar de um lindo prédio no centro da cultura ocidental? Na cidade em que a população cultiva o hábito de comer *croissants* e doces deliciosos em confeitarias maravilhosas e, ao mesmo tempo, guarda uma obsessão por corpos finos, pequenos e alimentação rigorosamente vigiada.

Confeitarias, entrei em várias perguntando sobre a existência de doces sem açúcar e o que ouvia eram sonoras gargalhadas acompanhadas de uma resposta, aparentemente, óbvia para todas as confeitarias, NÃO! Minha pergunta parecia um insulto e as respostas debochavam de mim.

Ali, onde os pequenos espaços acolhem somente pequenos corpos que se alimentam de maravilhosas minúsculas refeições, esta série de imagens de corpos volumosos, com todas suas carnalidades expostas, eram como aberrações inadequadas às propostas do lugar.

O evento, muito bem organizado, teve uma grande movimentação. A sala bonita e clara abrigou os trabalhos que provocaram reações diversas. A exposição suscitou muitas abordagens, conversas, entrevistas, mas também reações de estranhamentos, incluindo a situação de uma mulher que se

recusou veementemente a entrar na sala de exposições. Sensações afloraram em mim diante da experiência, do convite, do encontro com a cultura e os diferentes ânimos perante as mulheres gordas nuas. No dia seguinte, performei no Jardim de Luxemburgo. Dobras, marcas e anotações corpulentas são significantes e causam confrontos.



A Natureza da Vida, Jardim de Luxemburgo, Paris, França, 2011. Foto: Graziela Diez.

Foi na Rússia, durante o Photovisa, festival de fotografia realizado na cidade de Krasnodar, em visita a Anapa e ao Mar Negro, que se deu a terceira ação. Um ônibus do festival levava um grupo de participantes para conhecer um pouco da região. Mergulhei nas águas geladas, no inverno russo, junto com o polonês Krzysztof Candrowicz, posando para as lentes dos fotógrafos do festival. Momento raro, diante daquela cultura estranha com outras questões relativas ao corpo, naquele mar tão diferente. Foram muitas as significações daquele mergulho naquele país, que recentemente abriu-se para o capital estrangeiro, repletos de construções gloriosas, marcas de um passado recente, além das novas violências que se sucedem e mostram-se no cotidiano.



*A Natureza da Vida, Photovisa, Mar Negro, Anapa, Krasnodar, Rússia 2011.
Foto: Tanya Vasilyeva.*

O trabalho ganhou corpo no retorno a Londrina, depois destas viagens e experiências. A cidade fervia entre embates da comunidade com o prefeito que resolveu cortar, sem nenhuma autorização prévia ou qualquer aviso, no final de semana, árvores nativas de um bosque preservado, desde a construção da cidade, para passar uma rua no meio dessa pequena mata. Marco do que era a região,

este é um pequeno núcleo do que já havia sido uma floresta maravilhosa de perobas-rosas e figueiras gigantes, muitos pássaros, índios e tantos mais que habitavam a região. Esses resquícios alimentam a população com um pouco de natureza entre o concreto armado que domina o cenário.

Assim que o jornalista Guto Rocha passou pelo local e avistou a violenta cena de serras elétricas cortando, em segundos, o que levava décadas para se recompor, abraçou árvores, enfrentou motosserras e tratores e, através de seu celular, imediatamente acionou amigos, conhecidos, amantes e defensores da natureza para também impedirem que o ato absurdo se consumasse. A partir desse episódio, surgiu o coletivo Ocupa Londrina, composto, em sua maioria, por artistas locais e sem a participação de qualquer grupo político. Aquele lugar foi ocupado com diversas manifestações artísticas em vigília constante, as quais impediram que o local fosse arrasado e, em parceria com a ONG MAE, conseguiram transformá-lo em uma APA¹.

Foi em meio a movimento que retornei a Londrina. O fato daquele local fazer parte da minha história somado ao movimento que já acompanhava pelas redes sociais, levaram-me à proposição de fazer novamente a performance pública, posar nua naquele lugar e mostrar estas imagens em um varal de fotografias, programado para acontecer no sábado à tarde. Toda comunidade foi convidada a participar mostrando fotos tendo o Bosque Central como tema. Fizemos a ação, no sábado pela manhã, entre as árvores arrancadas, os troncos que jaziam no chão com as raízes arrancadas e a terra vermelha sangrando, toda revirada. Foi logo depois, entre as emoções do forte momento fotoperformático e a edição, tratamento e a preparação rápida das imagens para as ampliações, que surgiu a necessidade de um título e um breve texto para o início da mostra.

¹ Área de Proteção Ambiental.



A Natureza da Vida, Bosque Central, Londrina, PR, 2011. Foto: Graziela Diez.

O título do trabalho *A Natureza da Vida* surge nesse momento. Assim como o entendimento de que era uma série, a qual havia se iniciado em NY, em 2000, tendo continuidade em 2011, no Jardim de Luxemburgo e no Mar Negro e, finalmente, com a ação em Londrina. Estas primeiras quatro ações deram substância ao trabalho e desdobraram-se em muitas outras performances que estão acontecendo, desde então, em outros lugares e espaços públicos. O trabalho continua em movimento.

Posteriormente, estive no Cine Teatro Ouro Verde, após o incêndio, ocorrido em 2012. E foi, entre as cinzas e escombros do prédio do teatro, que me posicionei perante os esquecimentos e as memórias perdidas de uma cidade inteira.

Estive ocupando ainda muitos outros lugares – os barracões de peroba demolidos que abrigavam o curso de Arte Visual da Universidade Estadual de Londrina; a Concha Acústica, durante a marcha das vadias no centro de Londrina; a praia do Cassino, junto a Yemanjá que reina linda com seus véus esvoaçantes em frente àquele mar ventoso e debaixo do céu azul na cidade de Rio Grande. Dentro do Museu de Arte de São Paulo / MASP, durante a abertura da exposição em que participava com meus trabalhos. Nas celas do pavilhão 10, da Colônia Juliano Moreira, que abrigaram Arthur Bispo do Rosário, onde ficou aprisionado boa parte de sua vida e produziu sua maravilhosa obra. Entre aquelas paredes e grades, performamos em sua homenagem. As ruas e espaços ocupados multiplicam-se: Fortaleza, São Paulo, Vitória, Rio de Janeiro, Tiradentes, Santos, Florianópolis, entre outros. Fotografias, feminismos, *queers*, performances e muitos outros motivos/movimentos levam-me às ações que se desdobram.

Finalizo com um breve ensaio de algumas destas ações.



A Natureza da Vida, Cine Teatro Ouro Verde (obra de João B. Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, de 1952), um ano após o incêndio, Londrina, PR, 2013. Fotos: Luciano Schmeiske Pascoal.



A Natureza da Vida, Semana das Cores, Barracões de Peroba demolidos, antigo Departamento de Artes Visuais, Universidade Estadual de Londrina – UEL, Londrina, PR, 2013. Foto: Eliza Prataviera.



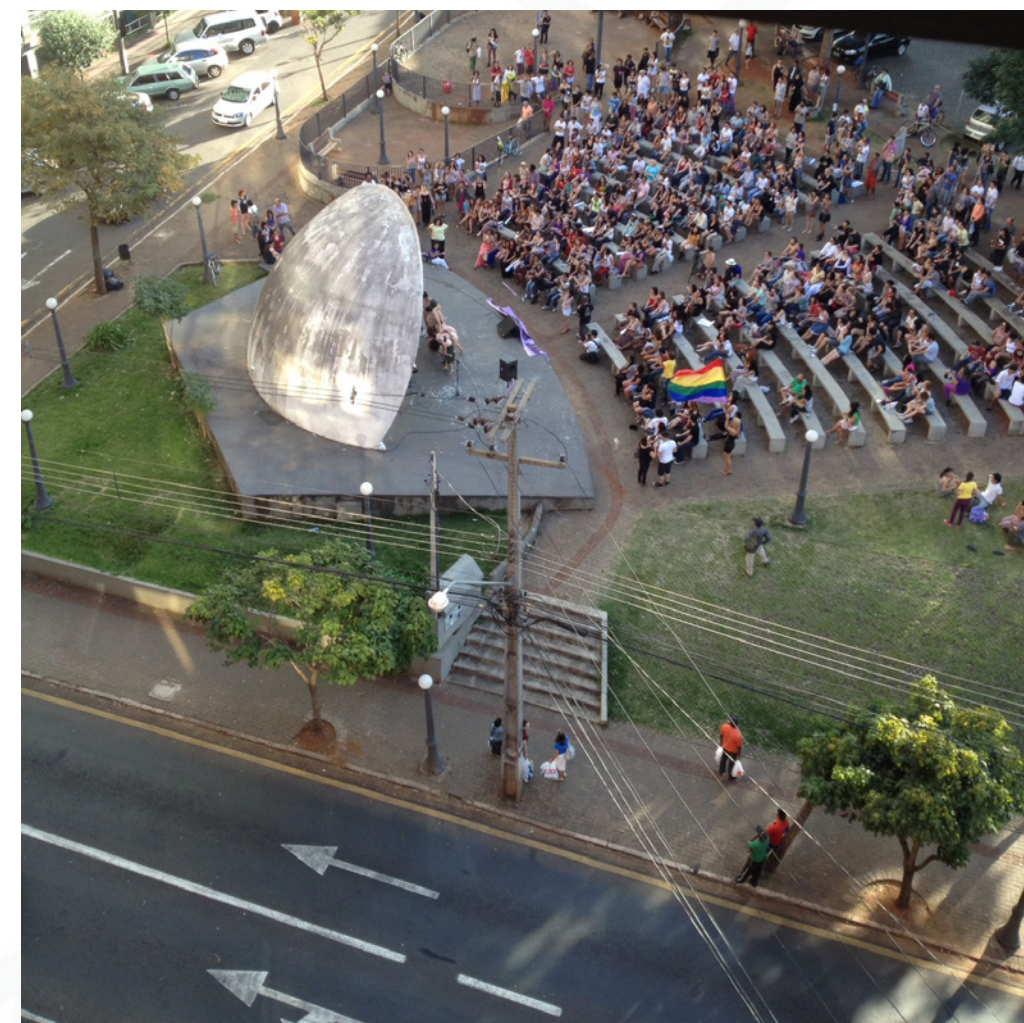
A Natureza da Vida, Foto Bienal - MASP, MASP, São Paulo, SP, 2014. Foto: Fábio Júdice.



A Natureza da Vida, Praia do Cassino, Cidade de Rio Grande, RS, 2016. Foto: Cláudia Paim.



A Natureza da Vida, Marcha das Vadias, Londrina, 2014. Foto: Débora Fernandes.



A Natureza da Vida, Marcha das Vadias, Londrina, 2014. Foto: Elisabete Yunomae.



*A Natureza da Vida, Pavilhão 10, celas que abrigaram Arthur Bispo do Rosário, Colônia
Juliano Moreira, Rio de Janeiro, 2016. Foto: Mariana Rotilli.*



*A Natureza da Vida, Tem Bububu no Bobobó, Casa Selvática, Curitiba, 2017.
Foto: Walter Thoms.*



A Natureza da Vida, Tiradentes, MG, 2017. Foto: Cláudia Ferreira.



A Natureza da Vida, Tiradentes, MG, 2017. Foto: Sara Gehren.



A Natureza da Vida, YVY – Mulheres da Imagem, Tiradentes, MG, 2017.
Foto: Cláudia Ferreira.



A Natureza da Vida, YVY – Mulheres da Imagem, Tiradentes, MG, 2017.
Foto: Thelma Vidales.



A Natureza da Vida, YVY – Mulheres da Imagem, Tiradentes, MG, 2017.
Foto: Fernanda de Filippo.



*A Natureza da Vida, VVY – Mulheres da Imagem, Tiradentes, MG, 2017.
Fotos: Bárbara Cunha.*



A Natureza da Vida, Performatus#2, Santos, SP, julho, 2017. Foto: Luiza Prado.



A Natureza da Vida, Fazendo Gênero/ Mundo das Mulheres, UFSC, Florianópolis agosto, 2017. Fotos: Cássia Furlan.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Deleuze - O que é um dispositivo?* Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. In Escola Nômade. Disponível em: <http://escolanomade.org/2016/02/24/deleuze-o-que-e-um-dispositivo/>

SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica: Qual é o parangolé?* e outros escritos. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.